

28 JAN 1996

6 Con. Brasil  
28 JAN 1996

Segundo o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, devem os brasileiros preparar-se "para viver um ano de 1996 muito monótono". Assim reagiu essa autoridade monetária à previsão de um déficit da balança comercial em janeiro, descompasso que, podendo chegar a US\$ 500 milhões, obrigaria o governo a rever sua política cambial.

Tal projeção, atribuída a um funcionário do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, seria, efetivamente, pouco consistente, por não dispormos de dados definitivos quanto à importação, tendo-se levado em conta, ademais, apenas as exportações efetuadas nos primeiros dias deste mês. É interessante notar, entretanto, que o governo, diante dessa previsão, mobilizou empresas estatais — entre elas a Cia. Vale do Rio Doce e a Petrobrás — para que antecipem, na medida do possível, alguns embarques com vistas à ampliação das receitas externas.

De fato, é relevante que o primeiro mês do ano esteja acusando um resultado que não intimida, ainda que, para muitos, se poderia iniciar o exercício com modesto déficit. E isso embora estejam os mais pessimistas admitindo, para o ano inteiro, um equilíbrio na balança comercial, pelo que seria excessivamente otimista a previsão

das nossas autoridades monetárias quanto à possibilidade de um superávit de pelo menos US\$ 3 bilhões. Naturalmente, um déficit de US\$ 500 milhões, logo no início de 1996, a menos que influenciado por uma importação excepcional, forçaria uma revisão das projeções para o ano, visto que, para ser reabsorvido, exigiria vultosos superávits nos meses seguintes, o que parece pouco provável. As previsões da maioria dos economistas se fundamentam em algumas considerações realistas. Para reverter o resultado de 1995, conta-se, muito mais, com a redução das importações do que com um excepcional aumento das vendas ao Exterior. Seguramente, não se repetirá o crescimento de importações de veículos registrado no ano passado. Com efeito, por um lado, existem grandes estoques de carros importados e também a tarifa de 70% para a importação de veículos não produzidos no Mercosul, o que eleva grandemente o preço dos similares estrangeiros. Por outro lado, tudo indica que, com uma taxa de atividade inferior à de 1995, as nossas importações de bens intermediários ou matérias-primas será menor, devendo apenas crescer, embora sem grandes consequências, a compra, no Exterior, de produtos agrícolas. Quanto às exportações, as perspectivas são também melho-

res, no quadro de uma política cambial que, certamente, não recuperará a defasagem cambial, ainda que não a aumente. Simultaneamente, verifica-se que, após ter sofrido forte concorrência do Exterior, setores como o têxtil ou a indústria de calçados efetuaram investimentos que garantem superior posição aos nossos produtos.

A única preocupação se liga à conjuntura nos países industrializados, que poderão reduzir as compras dos nossos produtos.

Mas seria errôneo pensar que a política cambial será ditada pelo comportamento da balança comercial, o que constitui a grande mensagem do diretor do Banco Central, ao anunciar um "ano muito monótono". Sem dúvida, o Brasil não se pode dar ao luxo de agravar o seu déficit do balanço de pagamentos em conta corrente, o qual, no ano passado, deve ter chegado a US\$ 18 bilhões (2,5% do PIB). Um crescimento desse déficit, que resultaria de maior descompasso na balança comercial, teria por consequência o acionamento do sinal de alarme para os capitais estrangeiros que se dirigem para o Brasil.

Hoje, a situação cambial do País

### **A situação cambial brasileira é tranqüila e a captação de recursos vai em ritmo favorável**

é tranqüila. Dispomos de reservas internacionais elevadas, mostrando ainda o fechamento das operações de câmbio nos 23 primeiros dias de janeiro — com saldo positivo de US\$ 2,398 bilhões — que à captação de recursos segue muito favorável. A valorização das operações bolsistas no primeiro mês do ano excede a dos países industri-

lizados e a da maioria daqueles emergentes. A emissão de bônus no Exterior se mantém em elevado nível. Por outro lado, esperam-se maiores investimentos diretos estrangeiros, a partir dos projetos de algumas multinacionais.

Ora, tal ingresso compensa, satisfatoriamente, ao que entendem os analistas estrangeiros, um déficit do balanço de pagamentos em conta corrente, por se tratar de recursos que ficam no País, sem características voláteis, como as aplicações em operações bolsistas. Pode-se admitir, até, que, diante de entrada excessiva de capitais externos, procurem nossas autoridades monetárias criar-lhes obstáculos. A política cambial não deverá mudar, o que não significa que não se deva persistir na criação de estímulos, com vistas à ampliação das nossas exportações.